

Discurso na homenagem feita pelo Sindicato dos Médicos Dentistas ao Dr. João Pimenta no dia 26 de Junho de 2021

OS PRIMÓRDIOS DA IMPLANTOLOGIA EM PORTUGAL



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.

Estimados colegas e amigos,

Pediram-me para falar um pouco da história da implantologia dentária em Portugal. Fê-lo-ei com todo o prazer, mas de uma forma muito resumida, para não vos ocupar muito tempo.

Alguns factos que referirei são baseados na minha memória, na de alguns colegas e amigos, e, por conseguinte, sujeitos a alguns erros que o tempo e a boa vontade dos meus amigos corrigirão; ou não...

Peço desculpa se várias vezes referirei o meu nome, dizendo eu. Mas efetivamente a minha história confunde-se com a história dos primórdios da implantologia em Portugal, e dessa fatalidade não posso, nem podemos fugir.

Antes da introdução dos implantes osteointegrados em Portugal podemos falar de uma prática feita essencialmente no Porto por Rui Pulido, Eurico de Freitas (pai) e António Paul, com implantes subperiósseos (E.F), tipo agulha (R.P.) e implantes de rosca larga de forte influência italiana (A.P.), principalmente de Muratori e Pasqualini.

Importa referir, particularmente, porque é o único que está ainda entre nós, Rui Pulido. Porque além de praticar com agulhas de Scialom e implantes agulhados com ponta de espira larga de Garbaccio, foi também pioneiro na técnica de sinus-lift, tendo realizado a primeira elevação de seio maxilar em Portugal, seguindo a técnica de Manuel Chana-vaz, e também de factores de crescimento do plasma, usando a técnica preconizada por Anitua.

No ano 2000 Germano Rocha foi também pioneiro, introduzindo na FMDUP, essa técnica.

Rui Pulido organizou no início dos anos 80 um curso sobre implantes agulha, dado por Angelo Rocella. Na minha memória ficou a famosa solda a frio, feita directamente na boca em que eram soldadas as três pontas das agulhas e feito um coto que servia de apoio às reabilitações.

Muitos de nós já viram nas suas clínicas radiografias deste tipo de implantes, alguns permanecendo na boca até aos dias de hoje.

Um pouco mais tarde apareceu António Gonzalez, um dos mais brilhantes profissionais que conheci, a praticar com implantes cerâmicos de Sammy Sandhaus.

Eram implantes de corpo único, de alumina e depois de zircónia. Quando falam de zircónia como um material novo, deveriam ter mais prudência. Poderão falar, isso sim, de novas formas de tratamento da zircónia, nunca de novos materiais.

Esses implantes eram também colocados em Lisboa por Vasconcelos Tavares.

A 8 e 9 de novembro de 1985 a Secção de Medicina Dentária da Ordem dos Médicos, sendo seu Presidente o saudoso João Carvalho organizou o primeiro grande curso de implantes em Portugal, no Foco da Boavista, ministrado por Christian Schoffler. Dessa forma foram lançadas algumas

sementes e também alguma curiosidade sobre a implantologia dentária, levando a que alguns colegas se deslocassem a Divonne les Bains onde o Christian tinha a sua clínica para o verem a trabalhar.

Motivados por esse curso colegas como António Felino, Sampaio Fernandes, Manuel Neves e Germano Rocha começaram a colocar algumas lâminas de Linkow.

Eu próprio iniciei-me com os discos de Scortecci, depois de ter conhecido o seu conceitor num congresso em Nice. Interessante é talvez o facto da tese de doutoramento desta lenda viva da implantologia mundial tenha sido sobre a vantagem da trepanação óssea com turbina, e não com baixa velocidade, concluindo de que haveria menos aquecimento ósseo.

A grande mudança, para nós, dá-se em 1987, seis anos depois de acabar curso. Achava que teríamos que entrar numa nova era: a era da osteointegração. Por isso resolvi ir a Avignon fazer um curso de implantes com Francis Poulmaire, patrocinado pela Sociedade Francesa de Biomateriais e Sistemas Implantares. Nesse curso vi uma implantologia diferente, com bases médicas e científicas já muito avançadas.

Na exposição estava o sistema TBR que eu achava ser bastante desenvolvido para a época. Os implantes eram colocados por impactação e tinham a curiosidade dos cotos, aparafusados, poderem ser dobrados e, dessa forma, ser possível a correção de angulações. Fiz amizade com o seu conceitor, Andre Benahmou e disse-lhe que ia conseguir uma representação para Portugal.

Indo com o Manuel Neves num avião, não me recordo para onde, mostrei-lhe o sistema e a 10000 metros de altitude resolvemos avançar com a compra.

No regresso arranjam um representante (a Firma Antunes & Irmão) que, como agradecimento nos ofereceu um motor de colocação de implantes.

O primeiro implante da era da osteointegração em Portugal realizado por médicos dentistas (e mais à frente direi a razão por que enfatizo o facto de dizer ser realizado por médicos dentistas) foi colocado em abril de 1988 numa paciente, por mim e pelo Manuel Neves, facto até agora bastante divulgado, e nunca contradito. No entanto se, por acaso, algum colega médico dentista colocou um implante da nova era antes de nós, que nos perdoe; estaremos sempre receptivos a mudar esta nossa convicção.

Em 19 de Fevereiro de 1989 eu e o Manuel Neves apresentamos a primeira conferência em Portugal sobre implantes dentários no primeiro congresso internacional de medicina dentária da terceira idade. O título foi "Estabilização de próteses com implantes TBR".

No final, e por votação dos assistentes recebemos o prémio da melhor conferência: uma escultura de José Rodrigues que combinamos partilhar estando um ano em cada casa...no entanto creio que vai "morrer" em casa do Manuel Neves.

É interessante referir alguns pormenores desta conferência. Estávamos obviamente nervosos, mas confiantes. No final Fernando Peres “bateu-nos forte”. O saudoso mestre estava a fazer um diploma universitário de implantologia em Paris, muito direcionado para a área dos cerâmicos e considerando mesmo o titânio como elemento suscetível de causar problemas no organismo por corrosão. Lembro-me que falou cerca de meia hora e, no final, quando me preparava para responder, com o Neves a meu lado a tremer como varas verdes, o presidente da mesa Castel Branco não o deixou fazer pelo adiantado da hora.

A audiência manifestou-se na sala de uma forma ruidosa e alguém no auditório gritou que tudo aquilo era uma vergonha.

Eu saí rapidamente por uma porta lateral, e o Neves sentou-se na primeira fila. Quando estava encostado numa parede, digamos que não muito contente, senti uma mão sobre o meu ombro; era o saudoso António Paul dizendo-me: o que te aconteceu hoje vai acontecer-te algumas vezes; não desanimes e continua.

No dia seguinte Fernando Peres abria o congresso às 9 horas da manhã com a sua conferência sobre o fluor. Às 8:30h estava eu sentado na última fila. Quando disse que me dava o tempo da sua conferência para resposta ao que me tinha dito e questionado no dia anterior respondi: estou a ganhar por dez a zero...acha que quero empatar o jogo... pode começar.

No fim desse dia subi ao palco para receber das mãos de António Gonzalez o prémio da melhor conferência desse célebre congresso. Foi provavelmente um dos momentos que mais me marcaram na minha já longa história na medicina dentária portuguesa.

O primeiro artigo que publicamos sobre implantes dentários foi em 1990 no número dois do Boletim Informativo da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina Dentária do Porto com o título “A Biointegração em Implantologia Oral (o sistema TBR)” em conjunto com Andre Benhamou e Manuel Neves.

Em maio de 1990 eu e o Manuel Neves fizemos a nossa primeira conferência internacional em Bolonha, no XX Meeting Internacional de Implantes e Transplantes, organizado por Giodanno Muratori. O título da conferência foi “O sistema TBR: estudo pré-implantar e casos clínicos”. Pela primeira vez o sistema Dentscan, com formatações em tamanho real através de uma TAC foi mostrado, tendo provocado na audiência uma grande curiosidade. Essas TAC eram na altura feitas na Casa de Saúde da Boavista, e foi esse centro o primeiro a adquirir o referido sistema informático de tratamento de imagens para estudo pré-implantar, por nosso conselho e sob a nossa orientação.

O sistema TBR foi também o primeiro sistema a ser usado na zona centro por Faria Gomes e em Lisboa por Armando Simões dos Santos e Gerales Barba.

Os implantes Branemark da Nobelpharma (empresa que antecedeu a Nobelbiocare) tinham como representante em Portugal, a partir de 1986 a Marum-Tecnidente. Essa representação passou a ser feita de uma forma direta por Espanha, com uma filial ibérica, tendo como diretor geral Valdemar Mota. Mais tarde, em 1992, abriram um escritório de

representação em Portugal, com Júlio Amorim como diretor comercial.

Por informação verbal de Júlio Amorim os primeiros implantes Branemark foram colocados em novembro de 1986 pelo médico estomatologista Jorge Cravo. Foram feitos dois implantes para fixação de uma sobredentadura num paciente do Cambeta, dono da Marum Tecnidente. O segundo caso, uma híbrida com cinco implantes foi realizada no Hospital Egas Moniz em Março de 1987.

Assim, e até prova em contrário, a moderna implantologia em Portugal tem, na sua génese, os nomes de Jorge Cravo, médico estomatologista, e de Manuel Neves e João Pimenta, médicos dentistas.

Em 1987 o primeiro kit cirúrgico da Nobelpharma foi vendido ao saudoso António Gonzalez. Penso ter sido adquirido em Espanha. Devido a um problema de saúde grave que levou à sua partida, esse kit foi comprado mais tarde por Miguel Penin e por Raul Vaz de Carvalho, pelo que supomos serem estes os colegas pioneiros no Porto com estes implantes, na época os mais estudados e de maior credibilidade.

Entretanto também Antonio Felino, no Porto e Gil Alcoforado, em Lisboa, começaram a utilizar este tipo de implantes.

Especial nota para Raul Vaz de Carvalho que foi o pioneiro em Portugal na colocação de implantes extra-orais Nobelpharma para ancoragem de próteses de orelha, em 1997, tendo nessa época o apoio técnico de Nuno Costa Santos, atual diretor da Straumann a nível europeu.

Em 1999 Vaz de Carvalho realizou a primeira prótese total aparafusada sobre quatro implantes, seguindo a sugestão do seu grande mentor e amigo Branemark.

Uma outra curiosidade é a montagem de uma fresadora Procera no Barreiro, para fresagem de híbridas e barras em titânio, no final da década de 80. Foi o início dos sistemas CAD-CAM em Portugal.

A 13 de Dezembro de 1989 foi constituída, por escritura pública, a Associação Portuguesa de Implantologia Oral e Biomateriais que teve um papel decisivo na divulgação da implantologia em Portugal. Foi Andre Benhamou, conceitor dos implantes TBR quem nos incentivou a constituir essa Associação, que chegou a ser membro do ICOI, e o seu primeiro presidente, Vasconcelos Tavares do Conselho Científico dessa grande organização mundial da implantologia.

Porque acho importante, mencionarei aqui os seus fundadores: Antonio Paul, Antonio Gonzalez, Vasconcelos Tavares, Fernando Branco, Fernando Peres, Rogerio Branco, José Cavalheiro, Antonio Felino, Tiago Mourão, Manuel Neves e eu próprio. O seu primeiro Presidente foi Vasconcelos Tavares, sendo eu Secretário Geral.

O primeiro curso organizado foi no dia 25 de Abril de 1990, ministrado por um dos maiores cientistas mundiais na área dos cerâmicos, Szmuckler-Moncler, actual diretor científico da MIS.

Em 13 de Outubro de 1990, no Porto foi ministrado um curso, eminentemente clínico, dado por Francis Poulmaire, de Avignon; o mesmo que me tinha dado as bases para um exercício mais consistente e fundamentado da implantologia.

As sementes foram lançadas e “o rio” tornou-se imparável, até aos nossos dias.

No ano 2000 iniciou-se o ensino universitário da implantologia, na FMDUP com um curso de mestrado, dirigido pelo saudoso Fernando Peres. Integrei o seu corpo docente contra a vontade de alguns professores que achavam que eu, não tendo o grau de doutor, nele não poderia participar. No entanto só eu e o Fernando Peres tínhamos formação superior universitária na área. Eu, na Universidade de Bordéus, em 1990, com o Diploma Universitário em Reabilitação Oral e Implantologia, em que defendi uma tese, em francês com o título “*Le titane en implantologie dentaire*”, mostrando os resultados da análise em microscopia eletrónica de três implantes usados em Portugal e um estudo de potenciocinética com saliva artificial e juntando ligas metálicas usadas em prótese implantar ao titânio produzindo fenómenos de corrosão, classificando-me em segundo lugar em cerca de trinta alunos, e Fernando Peres com um Diploma Universitário em Implantologia e Biomateriais na Universidade de Paris. Por imposição deste fui integrado, sendo olhado sempre de lado por algumas mentes “pequeninas”, mas catedráticas (ou quase). Aliás Portugal em algumas áreas anquilosou porque sempre olhou mais a títulos do que propriamente às competências...e aí algumas Universidades, favorecendo o carreirismo são disso um exemplo.

Não posso deixar de lembrar a colaboração extraordinária de Miguel Pinto e de Fernando Peres (filho) do departamento de ortodontia. Os primeiros implantes ortodónticos colocados no palato para ancoragem ortodóntica foram por nós realizados, e pensamos termos sido pioneiros mesmo a nível mundial.

Achamos que a formação deverá ser universitária e continuamos sem compreender duas coisas: por que razão a implantologia dentária não é incluída no currículo universitário como uma disciplina autónoma e também porquê não ser considerada uma especialidade na Ordem dos Médicos Dentistas. Eu próprio e o Hiram Fisher propusemos há alguns anos ao bastonário a organização da especialidade, sem a recetividade que achamos deveria ter. O facto de não haver essa especialidade na Europa não significava nem significa que não pudéssemos ter sido os primeiros, e não andar sempre “a reboque” do que se faz lá fora. Além de que a implantologia nunca poderá ser refém de interesses de outras disciplinas, e também, porque não dizê-lo de vaidades inúteis, nomeadamente da periodontologia e da cirurgia. Deverá ser autónoma, já que adquiriu bases científicas e clínicas para tal. Esta é a minha opinião e creio ser a de muitos colegas...

Na área dos biomateriais a Faculdade de Medicina Dentária do Porto foi pioneira na investigação e no aparecimento de um biomaterial chamado osteopatite, fruto da colaboração com a Faculdade de Engenharia do Porto.

No início da década de 90, Rogério Branco, Mário Vasconcelos, Américo Afonso, Fernando Peres e José Cavalheiro, sendo este de Engenharia, iniciaram o estudo desse biomaterial. Primeiramente foi feito um estudo clínico em pacientes da FMDUP e os seus resultados foram publicados na revista STOMA em 1991.

Foi utilizada a osteopatite misturada com gesso adicionada de uma solução de sulfato de potássio para controlo do tempo de endurecimento em 30 pacientes, por um período de oito meses e com resultados prometedores.

Ainda no início da década de 90 iniciou-se na FMDUP a investigação animal em coelhos, ainda nas velhas instalações, por uma equipe constituída por Rogério Branco, Fernando Peres, José Cavalheiro, Mário Vasconcelos, Américo Afonso, com a preciosa colaboração de Ana Mota, Eduarda Falcão e José Alão, na época funcionários da faculdade.

O primeiro artigo publicado sobre o assunto foi na Stoma de 1994. De realçar nesse artigo que os cortes histológicos foram realizados no Laboratório de Histologia da FMDUP, sendo seu diretor Américo Afonso, e técnica a Ana Mota, em que com um micrótopo Accutom eram realizados cortes com a espessura de 30 micra.

Todos estes estudos eram realizados sob a égide da Unidade de Investigação em Biomateriais da FMDUP, entretanto criada.

Já com o Instituto Nacional de Engenharia Biomédica (INEB) criado, este grupo inicia o estudo da Osteopatie com reforço com grânulos de biovidro. Desse estudo experimental em coelhos nasceram duas publicações. Uma no Bioceramics em 1995 e outra no Journal of Biomaterials Science em 1996 (com o artigo a ser aceite em 1995)

A esta unidade da Faculdade me juntei mais tarde, em meados da década de 90, com um estudo de implantação de parafusos de titânio com superfície igual à do TBR (rugosa). Os resultados foram publicados em 1995, no Journal of Oklahoma Dental Association, já que tínhamos tido o apoio de Michael Rohrer que tinha desenvolvido uma técnica de preparação histológica chamada "cutting-grinding", inicialmente feita por Donnath em 1981. Este artigo tem como autores eu próprio, Fernando Peres, Michael Rohrer e Fernando Castro do departamento de metalurgia da Universidade do Minho, com quem trabalhamos mais tarde, sendo que aí já o fazia a título somente privado.

De realçar também o Laboratório de Histologia da FMDUP, tendo como diretor Américo Afonso e preparadora Ana Mota, que iniciou as primeiras culturas de osteoblastos. Este tema ficou mais tarde com Helena Raposo, também da FMDUP, que nela fundou o Bonelab, laboratório de metabolismo ósseo e regeneração.

Passados que foram tantos anos importa refletir sobre a implantologia. Os implantes são melhores agora do que há vinte anos atrás? Estão a ser respeitadas todas as normas de colocação no mercado desses dispositivos médicos?

Em 2020 publicamos na revista Symbiosis um artigo com o título, e passo a traduzir; "Deficiências de qualidade de implantes dentários esterilizados e embalados; Podem as normas FDA ou as novas MDR europeias garantir segurança?"

Escusado será dizer que as grandes companhias, dominadas que são agora por sociedades financeiras, onde, como sabemos só os números contam, olharam de lado para este português que, juntamente com o Dirk Duddeck estavam a pôr o dedo numa ferida. E escrevemos:

Quando os médicos dentistas começaram a usar implantes nos anos 80, nenhum implante era lançado no mercado sem estudos profundos e testes pré-lançamento, normalmente feitos em centros clínicos e de investigação de reputadas universidades. Com um aumento crescente de fabricantes

e fornecedores, os profissionais podem agora escolher uma grande variedade de implantes de diferentes geometrias, tratamentos de superfície e até materiais. Contudo podem os médicos dentistas acreditar cegamente na qualidade destes implantes?

Em 2019 a FDA publicou dados de 20 anos de milhões de problemas de dispositivos médicos, incluindo 2,1 milhões de ocorrências de implantes dentários fracassados. Em 2018 havia 100.000 ocorrências de implantes dentários perdidos por problemas de osteointegração. Esta informação causou grande preocupação na comunidade médica dentária dos EUA e não só.

Os fabricantes comentaram estes números argumentando com pré-condições clínicas desfavoráveis, e mesmo acusando os médicos dentistas de falta de experiência e treino. Mas será esta a realidade e a verdade?...Quantas vezes perguntamos a nós próprios se os implantes que colocamos não têm contaminantes de superfície ou mesmo outros fatores causadores dessa autêntica "epidemia" chamada de peri-implantite? Quantas vezes?

Contaminantes evitáveis como iões metálicos, substâncias orgânicas e até restos de surfactantes utilizados na lavagem dos implantes pós maquinagem podem causar uma reação de corpo estranho incontrolável, resultando em osteoclastogênese, deixando as superfícies rugosas expostas à colonização bacteriana. Enfim uma autêntica bomba-relógio.

O assunto superfícies implantares deveria ser algo que preocupasse, e de que maneira, os implantologistas. O facto de ser esquecido, e até negligenciado é, segundo a nossa opinião um grave erro, já que poderemos a estar a pôr em risco a saúde dos pacientes. Perguntarão os colegas: mas o facto de terem a certificação CE não quer dizer que estamos a colocar um implante "creível" e de superfície descontaminada? A resposta, infelizmente é não. Acharmos que análises rigorosas deviam ser realizadas periódica e aleatoriamente por organismos independentes como, por exemplo, a Clean Implant Foundation, de que sou Embaixador e Fellow Honorário em Portugal. Os outros embaixadores portugueses são Miguel Stanley e Raquel Zita.

O seu presidente é Dirk Duddeck e tem como consultores científicos, entre outros, Ann Wennerberg, Tomas Albrektsson e Scott Ganz, nomes de uma relevância extrema no mundo da implantologia.

Tomo a liberdade de vos ler um pequeno texto do nosso presidente Dirk Duddeck, que nos escreveu uma reflexão à qual deu o nome "A luz e a sombra do fabrico dos implantes":

Um estudo da qualidade dos implantes dentários de mais de 100 tipos diferentes, conduzido em colaboração com a Universidade Charité, de Berlim, revelou um número alarmante de amostras de implantes esterilizados e embalados com contaminantes provenientes do processo de fabricação. Os investigadores encontraram quantidades significativas de impurezas muito perigosas e mesmo numerosas partículas metálicas contendo níquel e crómio. Isso levanta sérias preocupações entre os médicos dentistas. Infelizmente, a maioria deles tem apenas informações limitadas sobre a qualidade da superfície dos implantes que usam na sua prática diária. As análises das imagens e dos contaminantes

foram feitas num laboratório acreditado segundo as normas DIN EN ISO/ IEC 17025. Muitos implantes que foram desmontados em "salas brancas" e analisados em microscopia eletrónica, mostraram partículas de sujidade preocupantes.

Esses contaminantes, provenientes do processo de fabricação e embalagem podem causar reações de corpo estranho incontroláveis que podem levar à perda dos implantes. Surpreendentemente esses contaminantes foram encontrados não só em implantes de titânio, mas também em implantes de cerâmica. Por exemplo vários implantes de cerâmica de uma determinada marca apresentavam consideráveis resíduos de polioximetileno. Dessa forma materiais termoplásticos usados no embalamento podem ser inseridos no osso juntamente com os implantes. Noutros implantes, de titânio, observamos um número significativo de compostos orgânicos com 10-400 micra de diâmetro. A questão é que efeitos clínicos estes resíduos provenientes das embalagens terão para a saúde dos pacientes e que consequências daí advirão para os profissionais. Em qualquer dos casos as expectativas dos pacientes serão defraudadas se ocorrerem peri-implantites induzidas por essas impurezas. O facto de que a certificação CE não garantir implantes sem quaisquer resíduos ou contaminantes traz-nos à memória outros escândalos na área médica e faz com que os implantologistas pensem e reflitam no tema. As certificações recentes "Trusted Quality" da Clean Implant Foundation mostram que há forma de se fabricarem implantes de excelente qualidade. Como resultado de uma óbvia falta de controlo de qualidade de alguns fabricantes de implantes dentários, a organização independente e sem fins lucrativos Clean Implant Foundation publicou em 2017 "guidelines" que podem levar os fabricantes a obterem essa certificação de limpeza de superfície. Serão examinados cinco implantes do mesmo tipo e marca, sendo que dois deles são obtidos diretamente de usuários. Antes da obtenção da certificação "Trusted Quality", dois membros do Comité Científico da organização revêm não somente os resultados das análises técnicas, mas também a documentação clínica do sistema de implantes que deverão demonstrar uma taxa de êxito de pelo menos 95% nos últimos dois anos. Os médicos dentistas de todo o mundo podem reduzir o risco das consequências clínicas para os seus pacientes e também de problemas legais evitando o uso de implantes contaminados.

Meus caros amigos e distintos colegas:

Este é o mundo da implantologia...talvez um mundo com algumas nuvens escuras, mas fascinante...entusiasmante...

O facto de podermos proporcionar às nossas pacientes soluções reabilitadoras fixas que lhes permitem comer, rir, beijar, relacionarem-se socialmente é, só por si, motivo para que continuemos...

Mas exigindo aos fabricantes mais estudos, mais rigor e sobretudo mais ciência.... É esse o nosso dever...

Não olhar só ao preço, mas à qualidade real e não camuflada. Nos implantes de custo justo há também excelentes implantes.

DISSE. ■